

# Saber e Modernidade

*João Maia*

**R**esolvi falar sobre a cidade do Rio. Este palco de milhões de experimentações nos fornecerá elementos para que possamos vislumbrar o cotidiano com sua pluralidade de signos. Vivemos num espaço plural onde a mudança faz parte da natureza. A atitude de olhar o mundo consagra um tipo de visão superficial efêmera, em oposição a uma outra, que talvez já tenha existido, que é mais atenta, cuidadosa, crítica. O caminho que desponta já não tem mais nada a ver com o saber universal ou com a atitude operacional que a tudo dá um sentido normativo.

Da determinação passamos à indeterminação do código, do ultimato à solicitação, tudo num espaço de uma comunicação tátil, sensível. A realidade já não pode ser idealizada conforme os nossos projetos pensados e repensados. A realidade não é mais dura e crua. Ela é mutante, inesperada. Nas nossas vidas um suspense nos espera a cada esquina. Estamos o tempo todo como se estivéssemos vivendo um filme de mistério e ação, onde nunca seremos os protagonistas e teremos que usar de toda a nossa sensibilidade para driblar os acontecimentos mais constrangedores.

Numa situação de guerra, de suspense, sempre iremos pensar que as pessoas estão em posição de ataque. O nosso cotidiano, no Rio de Janeiro, desponta agressor, transgressor e mesmo perverso, diante de tudo que já foi idealizado para essa cidade. Cidade Maravilhosa e moderna. Será que continua assim? Acho que tivemos tanta expectativa que ela mesmo resolveu se rebelar. Tentamos ordená-la demais. Ela com seu temperamento rebelde decidiu perverter todos os nossos desejos. Pronto, o cenário está construído: Cidade rebelde.

Para Michel Maffesoli (1) ao lado de um tempo histórico dominado pela produção existe um tempo poético e erótico, um "tempo de corpo amoroso", um tempo secundário e escondido que é raramente valorizado pelo homem da cidade. É exatamente aí que se estabelece o "saber viver" popular que pode ser visto no cotidiano. Porque continuamos apaixonados pelo Rio, pelo carnaval e pelas nossas praias?

É relativamente fácil essa resposta. A afetividade, a paixão, essa emoção conta-

giante que vivemos no Rio é uma marca característica de oposição aos jogos totalizantes e empobrecedores dos que tentam tudo ordenar e sanear, se apropriando e dando apenas uma possibilidade de viver à cidade. A pluralidade se faz presente e de forma marcante. Surge, assim, a necessidade de um olhar mais atento ao processo de heterogeneidade do social. Começamos a perceber que a diversidade está em oposição ao saber reducionista que a tudo tenta dar um sentido único e lógico.

A noção de modernidade dada por Georges Balandier é de grande importância para que possamos ver da onde surgiu essa rivalidade entre diversidade X jogos totalizantes. Para o autor, a modernidade se caracteriza pelo valor dado à mudança e também pelas "relações de incertezas" que induz, se realizando e se difundindo. Ela é um em todos os lugares geradora de contradições. De um lado impõe sua lógica, sua racionalidade, produz representação do mundo programada pela tecnização. Por outro lado, é visto o aspecto negativo da mudança que pode ter efeitos destrutivos e até perversos. Estes dois opostos se traduzem em versão otimista (tudo é possível) ou pessimista (tudo conduz a auto-destruição) e o afrontamento dessas duas posturas cria lugar para o imaginário.

"O imaginário é mais do que nunca necessário: é de certa forma o oxigênio sem o qual toda vida pessoal e em coletividade perderia a vitalidade." (2)

Este oxigênio é o único meio de relação do homem com o espaço. O imaginário será modelado pela maneira através da qual aprendemos nosso corpo, desejo, meio, as relações com os outros, a partir da "cultura" adquirida, como também as escolhas que provocam uma projeção para o futuro próximo.

Pode parecer que o imaginário não tem espaço num mundo gerido pelo suspense e ação. Porém, a modernidade o libera, muda seu regime e o torna mais flutuante. O carioca, ou o homem que vive no Rio de Janeiro irá utilizar recursos que estão ao seu alcance na multiplicidade de circuitos no social contemporâneo para criar, inventar um para-território para o crescimento do imaginário.

O imaginário está o tempo relacionado a lugares, produz uma topografia própria. O espaço, assim, foi demarcado a partir, do

desenvolvimento de uma memória que surgiu das relações que os homens mantiveram ali. O Rio sempre teve o privilégio de ter homens que transformaram sua memória inventando um rumo próprio que modelou à sua maneira a cidade. Cidade rebelde criada pelos que aqui vivem.

Percebemos todos os dias esse imaginário como força transformadora, penetrar no corpo da cidade. O Rio de Janeiro é lugar de perdição e terra de eleição. Este tipo de inscrição mundana de nossas representações mostra que os nossos sonhos, paixões e ansiedades cotidianas se enraizam no território de maneira remarcável. Para o sociólogo Michel Maffesoli (3) esta inscrição é vetor do que ele chama "sociedade". Através desse conceito que é caracterizado pelo "relativismo do viver, grandeza e tragédia do cotidiano, peso dado ao mundano, bem ou mal assumido" poderemos entender do porque o Rio de Janeiro não ser mais a "Cidade Maravilhosa" e sim, cidade rebelde, dos contrastes e das crises. A sociedade fornecerá elementos para que possamos vislumbrar a passagem da ordem política, do sabre organizador à ordem da função, mesmo da confusão. Com essa noção começamos a perceber que todas as falas e atitudes começam a ser respeitadas como formadoras de território. Só ouvindo todos os ruídos dessa orquestra poderemos criar uma melodia. Nossos ouvidos já estão acostumados aos mais sofisticados aparelhos eletrônicos, como os CDs, então mais do que nunca é necessária uma atitude mais apurada aos processos de sons e ruídos de forma geral, presentes no cotidiano.

Começamos a perceber, agora, que em paralelo ao processo organizador da cidade existe um processo afetivo. Paixão, emoção e tristeza relacionados à cidade começam a ser valorizados. A cidade não conseguirá mais ser transformada, em nome da modernidade, de forma destruidora e desrespeitadora de afetividades.

No Rio de Janeiro sempre foi presente o valor dado a mudança sem se lembrar da memória que construiu a cidade. As transformações se davam sem se levar em conta uma crise que poderia surgir. Hoje essa palavra é mais do que nunca presente, está estampada na cara da cidade. É a crise!

Ao meu ver, essa época de crise que já se tornou a cara do Rio, veio para nos avisar que a realidade social é multidimensional,



que diversos fatores como econômicos, políticos, técnicos ou estéticos terão rotatividade em sua dominância de acordo com o momento. Já não podemos fazer um esboço ideal para uma construção da cara da cidade para os próximos anos. Contamos agora, com a pluralidade de dados como o conflito e a crise, nas nossas vidas cotidianas.

Quero colocar, em relevo, que crise não é apenas perda de possibilidades, retrocesso sem controle. Concordo completamente com Edgar Morin quando diz que crise significa não só “fratura numa continuidade”, mas também “aumento das possibilidades” e portanto das incertezas. Se colocarmos a crise como forma mesmo de desenvolvimento teremos que nos colocar diante da pluralidade do cotidiano. A desordem, assim está dando vitalidade ao Rio.

Hoje reconhecemos, na prática do dia a dia, que na contemporaneidade precisamos associar as noções de crise, evolução, regressão, progresso, ao invés de darmos

importância apenas a uma delas. Acabou o mito tecnocrático do progresso moderno, arrojado para o Rio. Assim, surgem movimentos de amor à cidade como o “abraço à Lagoa” e das associações de bairro.

Esses laços afetivos que criamos com a cidade gera uma forma de cumplicidade, que por vezes é silenciosa, mas está mais do que nunca crescendo e se enraizando no Rio de Janeiro. Continuamos não sabendo qual o futuro da nossa cidade, mas sabemos que nele estará contida a afetividade que sentimos pelo lugar.

Em 1992, o mundo se reuniu no Rio de Janeiro para definir o futuro da Terra à luz do “desenvolvimento sustentável”. A expressão desenvolvimento sustentável prega a exploração racional dos recursos naturais necessários à sobrevivência da atual geração sem que se deteriorem ou acabem, comprometendo a sobrevivência de gerações futuras. Este foi o assunto de matéria do Jornal do Brasil publicada com o título: “Nova visão de desenvolvimento é a saída para o pla-

neta”. Assim podemos ver que existe uma nova maneira de olhar o mundo que com certeza é mais dispersiva, pouco atenta, mas que associa afetividade e racional da maneira plural. Todas as mais variadas formas de flores vão ser ouvidas para a construção do futuro.

#### **Bibliografia**

- Michel Maffesoli. *Ética da Estética, Rio de Janeiro CIEC -ECO- UFRJ, 1988.*  
 Georges Balandier. *Le Detour, pouvoir et modernité. Fayard, 1985.*  
 Michel Maffesoli. *O Tempo das Tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.*  
 Edgar Morin. *Le Devenir du devenir. Temps libre. n° 8. 1993.*  
*Jornal do Brasil. 23/12/1990. 1º caderno. p.15*

#### **João Maia**

- *Doutor em Sociologia, na Universidade René Descartes, em Paris V/Sorbonne, e Professor de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais*